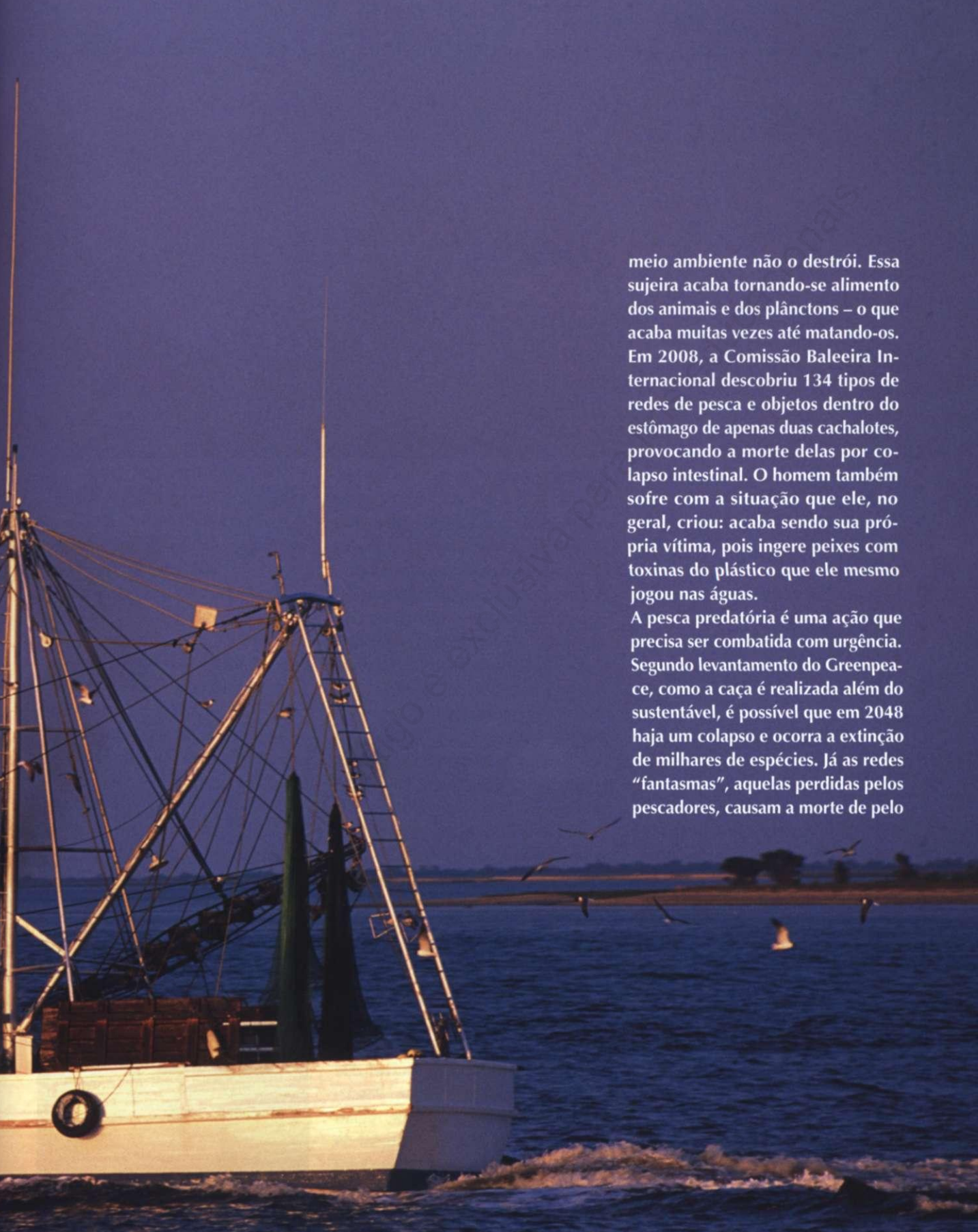
PERIGO PROFUNDO

Poluição, pesca predatória e vazamento de petróleo: o panorama no fundo do mar já causa alarme

Pouco a pouco os oceanos e toda a vida marinha estão vivendo um processo que se vê acima do mar – o de degradação ambiental. O quadro inclui o lixo despejado por navios e pelo esgoto das cidades, a pesca predatória, o som gerado pelo motor das embarcações e os vazamentos de petróleo. Tudo isso prejudica os mares.

Os oceanos ocupam 70% da Terra e, graças à sua imensidão, sempre foram vistos como infinitos. Mas não é bem assim. Ainda que daqui a muito e muito tempo, eles podem acabar, sim – e com isso a vida humana também. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), não há como medir exatamente a quantidade de lixo que boia pelos mares. A maior área, entretanto, foi identificada.

Com tamanho similar ao estado de Minas Gerais, ela fica no Pacífico, na costa Oeste dos Estados Unidos. A concentração se dá ali por causa do nó das correntes marítimas no local. Descoberto em 1997, contém cerca de 3,5 milhões de toneladas de lixo sólido – basicamente plástico. Como a matéria não é biodegradável, toda e qualquer ação do



meio ambiente não o destrói. Essa sujeira acaba tornando-se alimento dos animais e dos plânctons – o que acaba muitas vezes até matando-os. Em 2008, a Comissão Baleeira Internacional descobriu 134 tipos de redes de pesca e objetos dentro do estômago de apenas duas cachalotes, provocando a morte delas por colapso intestinal. O homem também sofre com a situação que ele, no geral, criou: acaba sendo sua própria vítima, pois ingere peixes com toxinas do plástico que ele mesmo jogou nas águas.

A pesca predatória é uma ação que precisa ser combatida com urgência. Segundo levantamento do Greenpeace, como a caça é realizada além do sustentável, é possível que em 2048 haja um colapso e ocorra a extinção de milhares de espécies. Já as redes "fantasmas", aquelas perdidas pelos pescadores, causam a morte de pelo

Petroleiras: extraem materiais fósseis sem o cuidado com a vida marinha

menos 100 mil mamíferos por ano, de acordo com a Fundação Algalita de Pesquisa Marinha. "É preciso que haja uma nova era de exploração, agregando planejamentos geopolíticos", explica a bióloga americana Sylvia Earle, fundadora da entidade Sylvia Earle Alliance e uma das principais especialistas dos mares. "O mais grave é a falta de conhecimento e de respeito dos governos por suas regiões. As petroleiras, por exemplo, estão extraindo materiais fósseis sem o cuidado de entender o que havia e o que há de vida marinha no lugar." Ela acredita que o Brasil pode liderar o processo de como explorar os oceanos com consciência. Seja que país estiver à frente da batalha, a bióloga já tem seu slogan: "O custo-benefício que se vê hoje não vale a pena. Preservar com responsabilidade é muito melhor".

No Brasil, apenas 1% das águas está protegido. O Creenpeace Brasil vem atuando para que essa porcentagem aumente para 30% da zona marítima. Para a entidade, é uma necessidade imediata retomar a política de criação das reservas marinhas e a política nacional de oceanos, além de regulamentar a atividade pesqueira e a criação de um sistema de esgoto eficaz nas cidades litorâneas, pois quase todos os dejetos são jogados a cerca de 4 quilômetros da costa.

A Conservação Internacional Brasil segue a mesma linha de pensamento. "O País não tem políticas bem definidas para o uso e conservação das águas. Há uma carência crítica tanto de planejamento quanto de ordenamento do uso de nossas áreas marinhas", aponta Guilherme Dutra, diretor do Programa Marinho da CI-Brasil. "A falta de planejamento traz prejuízos para todos. O meio ambiente está ameaçado pela falta de proteção das áreas prioritárias para conservação da biodiversidade e as empresas aumentam os riscos de sua operação quando atuam em áreas ambiental e socialmente sensíveis." Para demonstrar que é possível conciliar a conservação da biodiversidade e o uso sustentável dos recursos marinhos, a CI tem desenvolvido programas piloto na região dos Abrolhos, arquipélago ao sul da Bahia. "Temos de tornar o mar, suas belezas e também o que o ameaça mais conhecidos", diz Dutra. "Só assim todos vão se envolver nessa luta."

A bióloga Sylvia Earle: falta conhecimento sobre a situação dos mares

Fonte: Fórum de Sustentabilidade, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 42-44, 2012.